



## **Recampesinização enquanto manifestação agroecológica: camponeses e neorrurais construindo autonomia**

*Recampesinization as an agroecological manifestation:  
peasants and neorrurals building autonomy*

KARPINSKI, Bruna<sup>1</sup>; BIEGER, Tamires Elisa<sup>2</sup>; MATTE, Alessandra<sup>3</sup>;  
CONTERATO, Marcelo Antonio.

<sup>1</sup> Mestranda no PGDR/UFRGS, brunak@gmail.com; <sup>2</sup> Doutoranda no PGDR/UFRGS, bieger.tamires@gmail.com; <sup>3</sup> Professora Adjunta na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), alessandramatte@yahoo.com.br; <sup>4</sup> Professor Permanente do PGDR/UFRGS, marcelo.conterato@ufrgs.br.

### **Eixo temático: Campesinato e Soberania Alimentar**

**Resumo:** Este ensaio reúne reflexões sobre a relação entre camponeses, neorrurais agroecologistas e os processos de recampesinização. Para tanto, estabeleceu-se como objetivo a aproximação teórica entre os trabalhos de Eric Wolf, sobre campesinato, e os de Gian Mario Giuliani e Marlon Javier Mendez Sastoque, sobre neorruralismo e tipos de neorrurais, respectivamente. A relação entre as temáticas foi possível por meio do conceito de recampesinização, de Jan Douwe Van der Ploeg. Ao final, foi possível estabelecer uma relação entre os conceitos propostos.

**Palavras-chave:** agroecologia; capitalismo; desenvolvimento rural sustentável.

**Keywords:** agroecology; capitalism; sustainable rural development.

### **Introdução**

Este ensaio pretende fazer uma reflexão sobre os processos de recampesinização enquanto manifestação agroecológica, movimento este que contribui para a construção de autonomia dos camponeses e dos neorrurais. O modo de vida camponês – ou o imaginário urbano sobre ele – é um dos atrativos que chama a atenção dos neorrurais agroecologistas – conceito que surgiu na França, no final da década de 1960. Na atualidade, este fluxo pode contribuir para a recampesinização – luta por autonomia e sobrevivência, fatores que podem estimular diferentes iniciativas de desenvolvimento rural, entre elas a agroecologia.

### **Método**

A relação entre as temáticas foi possível por meio de pesquisa bibliográfica, a partir do conceito de recampesinização na visão de Jan Douwe Van der Ploeg, em perspectivas europeia e latino-americana. Para abordar o conceito de camponês, foi feita uma breve aproximação teórica com o trabalho de Eric Wolf sobre sociedades camponesas e tipos de campesinato na América Latina. Na sequência, os artigos de Gian Mario Giuliani e Marlon Javier Mendez Sastoque sobre neorruralismo e neorrurais agroecológicos contribuem na abordagem das definições e características que descrevem os novos rurais e como ocorrem estas dinâmicas.



## Resultados e Discussão

O ponto de partida para esta reflexão teórica foi o conceito de recampesinização, que na definição do sociólogo holandês Ploeg (2008) é a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência, movimento que ocorre em meio a um processo de industrialização da agricultura. Segundo o autor, tal contexto faz grande pressão sobre os sistemas locais e regionais de produção de alimentos, favorecendo a marginalização e o surgimento de novos padrões de dependência, cenários estes que “impulsionam grande parte dos processos atuais de recampesinização” (PLOEG, 2008, p. 23).

Ploeg refuta a visão dominante de campesinato como um fenômeno limitado ao passado, tampouco aceita a visão de que a modernização da agricultura eliminou os modos camponeses de produzir. O autor acredita que o modo camponês de fazer agricultura se ajustou a novas circunstâncias e, desde o início dos anos 1990, se revitalizou, se fortaleceu e se ampliou (PLOEG, 2016). A esse processo de mudança da agricultura camponesa que, segundo o sociólogo, ocorre tanto na Europa como em países do Terceiro Mundo, dá-se o nome de recampesinização.

Segundo Ploeg (2006), trata-se de um processo pelo qual a autonomia é recriada e simultaneamente convertida em novas formas de desenvolvimento, em novas oportunidades de emprego, em maior rentabilidade e maiores níveis de autonomia. O sociólogo ressalta que há diferentes expressões da recampesinização. Na agricultura familiar, o conceito é amplo e consiste, também, no incremento da renda por meio da adoção de princípios da agroecologia (PLOEG, 2014).

Outro fator-chave é a sobrevivência, elemento que caracteriza de forma abrangente o campesinato. “O termo se refere à reprodução e ao melhoramento esperado da própria existência” (PLOEG, 2008, p. 46), anseio que em maior ou menor grau permeia os valores dos neorrurais – pessoas que deixam a moradia e/ou trabalho em centros urbanos para viver e/ou trabalhar na zona rural – enquanto novos camponeses ou, ainda, atores participantes do processo de recampesinização.

É importante lembrar que o desenvolvimento das civilizações e das cidades são processos que têm relação direta com as transformações do modo de vida camponês, pois é nas zonas urbanas que estão as aglomerações de pessoas e os mercados. O antropólogo austríaco Eric Wolf (1976) aborda a diferença entre o cultivador primitivo e o camponês, que basicamente reside no caráter do envolvimento dos indivíduos com os seus vizinhos.

Ao buscar conceito mais simples, Wolf considera que o camponês é aquele que tem um relacionamento duradouro com a cidade. Segundo o autor, a comunidade aberta – grupos formados por indivíduos que plantam para vender, entre 50% a 75% da produção – é um tipo de cultura camponesa que surgiu com o desenvolvimento do



capitalismo na Europa, em resposta ao crescimento da demanda por produtos comercializáveis. Neste contexto, “os compradores da produção têm interesse no ‘atraso’ do camponês” (Wolf, 2003, p. 133).

Na mesma perspectiva, Ploeg (2016) menciona que, apesar da unidade de produção camponesa ser afetada pelo contexto capitalista, ela não é diretamente governada por ele, mas sim por um conjunto de equilíbrios que modelam e remodelam o modo de produzir, as identidades e as relações mútuas. Ainda segundo o autor, as características dos camponeses são distintas nos diferentes lugares, porém compartilham algumas condições de existência face ao capital. Por isso afirma: “a agricultura camponesa integra o capitalismo, mas de maneira conflituosa. Gera interstícios e atritos. É o berço da resistência que produz alternativas que atuam como autocrítica permanente aos padrões dominantes” (PLOEG, 2016, p. 22). Isto porque, em geral, “os camponeses detêm um controle muito maior de seus processos de produção” (WOLF, 2003, p. 120), não sucumbindo aos controles externos que se manifestam quando vendem os excedentes ao mercado.

Com o controle da terra e a capacidade de cultivá-la, Wolf acredita que o agricultor camponês conserva a sua autonomia e a capacidade de sobreviver. Por outro lado, independentemente do tipo de campesinato, o autor pontua que os camponeses acabam sendo subordinados a grupos dominantes. E pode-se dizer que a luta contra a subordinação ao sistema econômico capitalista, seja no campo ou na cidade, é um dos aspectos que ligam os camponeses aos neorrurais. Giuliani (1990) resgata o histórico do neorruralismo, tendência que surgiu na França, na década de 1970. A volta às relações diretas com a natureza, a ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade, assim como o desejo de relações sociais mais profundas atraem pessoas da cidade ao campo. Para o autor, o neorruralismo “é uma livre escolha bem precisa e particular” (GIULIANI, 1990).

O pesquisador considera que este é um fluxo que ocorre em função de questionamentos existenciais dos indivíduos. Apesar de ser motivado por desejos e aspirações mais do que por necessidade, é um fenômeno que tem qualidades sociais. Para o autor, os estudiosos franceses definem o neorruralismo como “um fenômeno capaz de expressar dimensões críticas, ou de ruptura, com relação aos valores predominantes na mentalidade ‘moderno-desenvolvimentista’ imposta pelos modelos industriais-urbanos” (GIULIANI, 1990).

Considerando o contexto e a realidade colombiana, Mendez Sastoque (2013) apresenta proposta tipológica para os neorrurais. Segundo esse estudo, os novos habitantes do campo são atraídos por diversos motivos, entre eles a valorização do modo de vida camponês. São os neorrurais agroecologistas, que contribuem para reforçar ou restaurar a independência econômica nas comunidades rurais dominadas pela lógica capitalista de mercado. Além de ver o rural como um espaço de inovação social, buscam promover a autonomia das comunidades campesinas, a independência econômica, política e cultural dos povos, a voz das comunidades, o



diálogo dos saberes e a produção ecológica de alimentos. Solidariedade e ajuda mútua são alguns dos valores que os norteiam.

Dessa discussão emerge o seguinte questionamento: seriam os neorrurais uma forma de recampesinização ou uma expressão atual deste fenômeno? Ou, ainda, um grupo de indivíduos que podem ajudar a sustentar e avançar no processo de implantação de uma agricultura diferente da hegemônica? Ao considerar que a recampesinização “não oferece uma solução global para uma variedade de problemas e situações locais diferentes, mas que está evoluindo através de uma gama crescente de soluções locais diversificadas para um problema geral” (PLOEG, 2008, p. 180), a resposta ao questionamento é positiva.

Em contexto europeu, o sociólogo relata que o desenvolvimento rural conduzido por camponeses tem contribuído para a qualidade de vida nas zonas rurais. Isto porque a recampesinização colabora para o surgimento de novas zonas rurais em que a agricultura tem um novo papel e é combinada com paisagem, natureza e biodiversidade, entre outros atrativos que seduzem os novos habitantes rurais (PLOEG, 2008). Sendo assim, a recampesinização é um processo de transição que abarca ampla diversidade de complexidade, visto que se desenvolve em vários níveis e, de um modo geral, envolve muitas pessoas, indo de encontro aos regimes e aos interesses existentes, gerando vasta gama de contradições. Entretanto, segundo Ploeg ressalta, desses atritos podem resultar novas práticas e iniciativas promissoras de desenvolvimento rural que, conduzidas por camponeses, na prática também ocorrem como resistência.

Apesar dos conceitos aqui tratados emergirem de realidades europeias, há que se considerar a operacionalização deles para contexto brasileiro, especialmente com interesse de compreender a migração urbano-rural e o avanço da agroecologia por meio desses atores.

### **Considerações finais**

Na luta por autonomia, os autores que contribuem para os diálogos presentes neste ensaio abordam características e princípios compartilhados entre os camponeses e os neorrurais agroecologistas, que admiram o modo de vida camponês e resistem à subordinação ao sistema econômico capitalista. Além disso, este tipo de neorrural se assemelha a um camponês nas relações com a natureza e na valorização da solidariedade e da ajuda mútua. Nessa perspectiva, é possível considerar que os neorrurais agroecologistas são um tipo de agricultor camponês da atualidade e esta proximidade dialoga com a recampesinização, que prevê soluções locais. Considerando que um dos caminhos apontados por Ploeg é a conservação dos sistemas locais e regionais de produção por meio de iniciativas como a agroecologia, os neorrurais poderão contribuir no processo de recampesinização. Sendo assim, foi possível fazer uma reflexão de forma a promover uma aproximação teórica entre os camponeses, os neorrurais e o processo de recampesinização.



Em uma perspectiva contemporânea, também podemos perceber os neorrurais agroecológicos como novos camponeses com capacidade de estimular mudanças significativas para o desenvolvimento rural, entre elas a adoção de sistemas de produção mais sustentáveis como a agroecologia. Nesse novo contexto, o mercado deixa de ser o foco principal, pois passa a dividir espaço com outros valores que também são importantes para a manutenção da propriedade e da vida no campo.

Ao final desta reflexão teórica, podemos concluir que os neorrurais são atores com potencial para contribuir com o processo de recampesinização por meio da agroecologia. Por fim, pode-se dizer também que a recampesinização, fomentada pelos neorrurais agroecologistas, fortalece o surgimento de uma agricultura de características particulares, ais ecológica e sustentável, e pode contribuir para a revitalização e até renovação do meio rural, bem como do ambiente.

### Referências bibliográficas

GIULIANI, G. M. Neo-ruralismo: um novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 14, ano 5, 1990. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_14/rbcs14\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_14/rbcs14_05.htm) Acesso em: 02/10/2018.

MENDEZ SASTOQUE, M. J. Una tipología de los nuevos habitantes del campo: aportes para el estudio del fenómeno neorrural a partir del caso de Manizales, Colombia. **Revista de Economía e Sociología Rural**. v. 51, n. 1, p. 31-48, 2013.

PLOEG, J. V der. **Camponeses e a arte da agricultura**. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2016.

\_\_\_\_\_. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. POA, Editora UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. Dez qualidades da agricultura familiar. **Cadernos de Debate – Revista Agrícolas: Experiências em Agroecologia**. Edição nº 1, Rio de Janeiro, fev 2014, Disponível em: <http://ppgaa.propesp.ufpa.br/editais/2018/PLOEG%202014.pdf> Acesso em: 16/02/2019.

\_\_\_\_\_. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, S. (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 13-54.

WOLF, E. **Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar**. In: **Antropologia e Poder**. Brasília, Editora da Unb, Editora da UNICAMP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.